

In Memoriam

ANTÔNIO RICARDO MICHELOTO

(★ 27.02.1947 † 11.04.2009)

INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade, Revista de Ciências da Religião da Faculdade Católica de Uberlândia, expressa com profunda tristeza o falecimento de Antônio Ricardo Micheloto, ocorrido no dia 11 de abril em Uberlândia. Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia, vinculado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais, Micheloto era doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, tendo obtido a graduação em Ciências Sociais pela USP e o mestrado em Sociologia Rural pela ESALQ da USP. Destacou-se como pesquisador sobre as condições sociais dos trabalhadores rurais e sobre movimentos religiosos no campo, dedicando-se ultimamente à área de Religião e Sociedade, na qual desenvolvia principalmente a temática das transformações das religiões e religiosidades populares. Membro dos mais ativos da equipe editorial desta revista, o professor Micheloto brindou-nos com valiosas contribuições, dentre as quais se destacam a publicação, no número 3, do artigo “Realidade e Perspectivas das Tradições Religiosas na Pós-Modernidade” e o editorial do número 4. Para descrever sua trajetória acadêmica, convidamos a Prof^a Dra. Eliane Schmaltz Ferreira, que nos fala dos episódios mais marcantes de sua experiência como sociólogo. Nesse texto que apresentamos, o leitor conhecerá as principais idéias e projetos do professor e pesquisador.

**“A observação da sua experiência é um convite
ao conhecimento a entrar em nossa vida.”**

Antônio Ricardo Micheloto nasceu na pequena cidade de Torrinha, região central do Estado de São Paulo, em 27 de fevereiro de 1947. Seus pais (Ana e Ricardo Octávio) eram filhos de imigrantes italianos radicados como trabalhadores na cafeicultura paulista. Apesar de criados na roça, seus pais, quando se casaram, fixaram-se na zona urbana e assim puderam oferecer oportunidades de educação formal para os seis filhos que tiveram.

Fez os cursos primário, ginasial e colegial na cidade de Piracicaba, quase sempre combinando escola e trabalho. Ainda em Piracicaba, teve oportunidade de entrar em contato com o movimento estudantil, inicialmente no âmbito

dos estudantes secundaristas, mas estabelecendo posteriormente um elo com os militantes universitários, principalmente os pertencentes à JUC (Juventude Universitária Católica).

Foi, de certa forma, essa experiência em uma modalidade de movimento social, e suas primeiras leituras de material voltado para a crítica da sociedade e do poder estabelecido, que o levaram a dar a primeira reviravolta em termos de planos intelectuais. Entre ser um advogado ou professor de letras, resolveu seguir um caminho diferente, pouco trilhado pelos companheiros de geração. Ele dizia que uma conversa com o Professor Fernando Mourão (Departamento de Ciências Sociais – USP) contribuiu para ratificar a sua opção pelas Ciências Sociais.

O bacharelado em Ciências Sociais na USP, concluído em 1972, foi sem dúvida estimulante, já que teve oportunidade de conhecer e ouvir grandes mestres como Florestan Fernandes, Luis Pereira, Fernando Henrique Cardoso, Maria Alice Forachi, Paula Beingelman e outros.

Ao mesmo tempo, como estudante da USP, foi envolvido e se envolveu em outras experiências marcantes, a exemplo da radicalização do Movimento Estudantil, no qual não exerceu nenhuma atividade de liderança, mas viveu e sentiu na prática algumas das contradições que perpassam a vida em sociedade.

Um dos projetos pessoais que desenvolveu durante o bacharelado foi o de dar continuidade, em nível de pós-graduação, à sua formação em Ciências Sociais. Sentia que somente dessa forma poderia tornar-se, de fato, um sociólogo. O ingresso na Universidade Federal de Uberlândia em Julho de 1979, como professor de sociologia, significou talvez uma “virada” em sua vida, estimulando-o retomar o seu projeto intelectual. Em 1983 casou-se, teve dois filhos e desde 1987 residiu em Uberlândia, atuando profissionalmente.

Referente à sua trajetória acadêmica, o mestrado concluído em Julho de 1980 pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ – USP) intitolou-se “Trabalho Volante e Reprodução Capitalista Estudo sobre os bóias-frias de Tupaciguara”. Esse trabalho discute os resultados da pesquisa de campo que realizou, de novembro de 1979 a abril de 1980, no município de Tupaciguara/MG, e apresenta reflexões teóricas sobre a problemática dos trabalhadores rurais volantes. A pesquisa utilizou entrevistas qualitativas com trabalhadores residentes naquele município e a observação sistemática que realizou na mesma área.

Os objetivos principais da dissertação foram o de *analisar e discutir o significado do trabalho rural volante* no contexto das relações de produção vigen-

tes no campo, situando os trabalhadores volantes, em termos de sua prática e de sua consciência social, no processo de trabalho e no conjunto das relações sociais por eles vivenciadas. Do ponto de vista teórico, ele elegeu como central a questão da reprodução das relações de produção, dentro de um referencial marxista mais amplo.

Os seus interesses e as possibilidades concretas da investigação levaram-no a enfatizar o nível ideológico da questão da reprodução, tentando verificar se trabalhadores vinculados a um passado não-capitalista na agricultura “afirmavam” ou “negavam” as novas relações vividas, fundamentadas no trabalho assalariado, trazidas pela expansão do capitalismo no campo.

Micheloto levantou a hipótese de uma certa ambigüidade nas manifestações ideológicas dos trabalhadores bóias-frias, contrariando assim as afirmações mais ortodoxas no marxismo, que viam nos trabalhadores assalariados da agricultura manifestação plena do proletariado rural, inclusive do ponto de vista da sua consciência social.

A investigação comprovou em parte a referida hipótese, mostrando que, pelo menos na área investigada, não havia uma identificação ideológica integral dos trabalhadores volantes com a situação de proletariado. Submetidos aos esforços disciplinadores dos agentes capitalistas e, ao mesmo tempo, a condições extremamente desfavoráveis de vida e de trabalho, eles não aspiravam só a melhorias salariais e as condições de emprego. Havia entre eles uma forte idealização do passado e uma valorização da condição de produtores auto-suficientes. Essa consciência idealizada fazia-os “negar”, de certa forma, as relações presentemente vividas e levava-os a manifestar ainda uma certa aspiração à posse de terra.

Em vários aspectos, a investigação feita confirmou os resultados de pesquisas levadas a efeito em outras regiões, como a depreciação física dos trabalhadores, seu precário acesso aos bens de subsistência, a instabilidade de emprego e de salário, a desorganização e mesmo a inércia da ação sindical. Décadas após a realização desse trabalho, fica a convicção de que ele representou um primeiro passo em direção do conhecimento da realidade agrária regional, realidade que se apresentava então bastante opaca.

Em sua tese de doutorado, intitulada “Catolicismo e libertação dos setores subalternos rurais. Contribuição à análise do imaginário religioso na configuração de alguns projetos e práticas populares no Brasil pós-1964”, defendida em 1991 pela PUC-SP, o professor caracterizou, do ponto de vista da

análise sociológica, o que denominou de “novo discurso” do catolicismo sobre a problemática dos setores subalternos rurais. Por “novo discurso” refere-se à configuração específica assumida pelas concepções apoiadas em princípios religiosos e sob o influxo da corrente teológica da libertação. O eixo teórico da tese é o conceito de imaginário, tomado originalmente de Castoriadis e redimensionado, no sentido teórico e operacional, com recurso a outros autores, entre eles Bourdieu. Concebeu o imaginário como sendo uma espécie de discurso direcionado para o futuro, para o vir-a-ser da sociedade, mas que se vincula ao passado através de uma memória coletiva e possui também, ao introduzir uma nova forma de consciência, força mobilizadora em relação ao presente. O novo discurso católico sobre os setores subalternos do campo tem uma dimensão imaginária acentuada, como procurou demonstrar na tese. Trata-se de um discurso construído em direção a uma realidade social alternativa que contempla “os oprimidos” do campo, a eles endereçando suas principais mensagens.

Ao descrever os resultados e as análises da pesquisa sobre as romarias da terra do Triângulo Mineiro, Micheloto trata de práticas consideradas inovadoras pelos militantes ligados à Pastoral da Terra. Elas têm sido realizadas desde 1979 por iniciativa da CTP regional. Seu eixo simbólico religioso é Nossa Senhora da Abadia, cujo santuário se localiza na cidade de Romaria, antiga Água Suja. Colheu material empírico sobre três romarias realizadas nos municípios de Romaria (1987), Araguari (1988) e Uberaba (1989). O intuito foi analisar essas práticas quanto ao seu significado sociológico, enquanto suportes do discurso/imaginário sobre os setores subalternos rurais.

As romarias da terra distinguem-se das romarias tradicionais, pois a peregrinação que seus participantes fazem não tem o objetivo de “pagar promessas”, mas sim a finalidade de marcar simbolicamente uma trajetória, um caminho que se supõe representativo da vida coletiva dos subalternos rurais. Os marcos dessa trajetória são as dificuldades, as situações de opressão, as formas específicas de luta e as conquistas dos setores envolvidos. As romarias da terra são entendidas como práticas complexas, nas quais se fundem os conteúdos religiosos e culturais, lúdicos e políticos. Apresentam-se como espaços de denúncia e ao mesmo tempo de celebração.

As análises constataram que as romarias realizadas no Triângulo Mineiro são portadoras de várias concepções inerentes ao novo discurso católico sobre os setores subalternos do campo. São características do discurso presente nas romarias: a concepção messiânica da história, a identidade dos oprimidos, a

noção de pecado social, a união da fé com a vida, a esperança salvacionista e a confiança na ação transformadora dos oprimidos.

A realização dessa tese possibilitou a ele a abertura de um novo caminho de pesquisa sobre as relações sociais no meio rural. Sem abandonar sua formação teórica e seus interesses científicos anteriores, conseguiu estruturar um processo de investigação que apreende os significados internos que determinadas concepções de vida assumem para os grupos que os adotam ou criam. Acreditava que o entendimento sociológico desses significados é fundamental para se obter um quadro explicativo mais amplo das práticas e dos movimentos coletivos das populações rurais. No seu estudo, tomou o universo do comportamento sócio-religioso como foco privilegiado de investigação por considerá-lo parte integrante da realidade das populações estudadas. A escolha dessa opção exigiu um aprofundamento no estudo da própria instituição que dá suporte àquele tipo de comportamento. Penso que sua tese é uma contribuição aos que se preocupam com o entendimento do “outro lado”, ou seja, o lado interno, menos visível da ação dos grupos e das instituições.

Em um artigo intitulado “As filhas da desatadora: pós-modernidade, tradição, participação das mulheres e imagens femininas em um culto católico” publicado no Caderno Espaço Feminino volume 15 número 18, Edufu 2006, focaliza as tradições religiosas na pós-modernidade e descreve um caso de tradição reinventada – o culto à Nossa Senhora Desatadora dos Nós, em Uberlândia –, analisando os sentidos da participação feminina nesse culto. Os dados foram extraídos de uma pesquisa conduzida por ele.

Nossa Senhora Desatadora dos Nós é, de certa forma, para retomar aqui o linguajar pós-moderno, uma santa “desterritorializada”. As primeiras manifestações de seu culto se deu na Alemanha em 1700; no Brasil, a devoção organizada à Desatadora iniciou-se no final de 1999 no santuário Maria Porta do Céu, em Campinas. Em Uberlândia, as atividades devocionais iniciaram-se oficialmente em julho de 2000, por iniciativa de um grupo de leigos centralizado na Paróquia de São Cristóvão. O culto retoma os conteúdos tradicionais do marianismo, atualizando-os em função do contexto concreto dos participantes. A devoção é direcionada para a conquista da espiritualidade individual. Os problemas sociais que afloram serão resolvidos, quando o forem, pelo “engajamento de cada um”. São citados como problemas principais: tensões no seio da família, dificuldades financeiras, desemprego, envolvimento de adolescentes com drogas, entre outros. É nesse contexto que se situa a participação das

mulheres e o significado das imagens femininas no culto organizado à Nossa Senhora. Imagens tradicionais do feminino são agregadas à figura da santa em si, por meio da catalização de sentidos simbólicos que ela consegue sugerir. O sentido mais enfatizado é o da figura maternal bondosa, delicada e humilde, que ao mesmo tempo possui outras qualidades, como a de libertar os devotos das amarras do pecado e a de ajudá-los a adquirir um poder interior para enfrentar, com sucesso, as dificuldades pessoais e familiares.

Em que sentido essa devoção dá continuidade ao marianismo e em que aspectos ela renova? O que é novo está apenas esboçado e necessita de um aprofundamento. Mas tal devoção dialoga com sua época e suas circunstâncias, procurando ser uma resposta, entre outras, aos problemas individuais e coletivos. Em seu artigo intitulado “Realidade e Perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade”, publicado na *INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade*, Volume 3, Número 3, 2008, retoma sua reflexão sobre a devoção a Nossa Senhora Desatadora dos Nós e as romarias populares, focalizando também o Movimento de Renovação Carismática, para mostrar os impactos da pós-modernidade nessas tradições religiosas e a adaptação destas aos novos tempos.

Tomando contato com toda a produção de Antônio Ricardo Micheloto e revendo toda a minha experiência de trabalho nesses anos que convivemos como colegas de trabalho, compartilhando afinidades e vivenciando algumas tensões, ficou para mim uma forte impressão: a de que todas as suas realizações, tanto as mais amplas como as mais circunscritas, deixaram sua marca em sua maneira de atuar e de ser. O que fica bastante evidente é a convicção de que ele escolheu o caminho correto com o qual se identificava profundamente, não se importando que esse caminho pudesse ser mais penoso ou eventualmente mais inseguro que os outros. Não o percorreu em toda a sua extensão, mas acredito que foi uma satisfação para ele ter chegado até esse ponto. Portanto a observação da sua experiência é um convite ao conhecimento a entrar em nossa vida.

Eliane Schmaltz Ferreira
Universidade Federal de Uberlândia